

# IMPERIALISMO ISLÂMICO

## FICÇÃO, FACÇÃO, FACTOS

*Manuela Franco*

EPHRAIM KARSH

### Islamic Imperialism: a History

Yale University Press  
2006, 276 páginas

**N**este ano da graça de 2006 o ressurgimento político do Islão assumiu contornos ainda mais nítidos. Sob fundo de atentados terroristas, as exigências de respeito e cumprimento dos símbolos do ordenamento islâmico desafiam os governos e as democracias liberais europeus a ajuizarem da solidez das suas fundações e dos seus valores. Primeiro, por via de uns desenhos num obscuro jornal dinamarquês de que nunca ninguém tinha ouvido falar, multidões ululantes em vários pontos do globo pegaram fogo a embaixadas da Dinamarca, atacaram a centenária imunidade política dos enviados diplomáticos, exigiram desculpas, fizeram boicotes, económicos e outros, causando prejuízo e dano a toda uma comunidade conhecida por trabalhadora, produtiva, respeitadora de outrem... E prometendo mais a quem ocorresse solidarizar-se. As mesmas multidões, continuamente ululantes e pirómanas, voltaram aos ecrãs para queimar efígies de S. S. o Papa que tivera a temeridade de convidar a humanidade a reflectir sobre as incongruências entre a religião e a violência. Na Europa, desta vez, não pegaram fogo mas produziram manifesta-

ções enchendo ruas e praças com cartazes prometendo o Fim do Mundo e o Verdadeiro Holocausto.

Mais longe, os modernos líderes do antigo Império Persa, há três décadas empenhados na instauração de Nova Ordem Mundial Islâmica, exportam, canonicamente, subversão e instabilidade, e concentram agora os seus recursos num projecto de armamento e nuclearização que, a concretizar-se, porá realmente ao seu alcance, desde logo, a hegemonia regional. Dada a centralidade geográfica do Irão, não será pouco.

A dimensão da projecção iraniana de poder regional foi também este ano revelada por intermédio da acção da sua filiada Hezbollah sobre o Líbano e Israel. O envolvimento iraniano e sírio adensou-se, assistindo-se à progressiva tomada de posições políticas dinâmicas visando aumentar a tensão e provocar processos político-militares susceptíveis de reverter o equilíbrio de forças no Médio Oriente, tanto combatendo a presença das forças americanas no Iraque como evitando a independência do Líbano ou a autonomização de um Estado palestiano e, *ipso facto*, um reconhecimento do

direito à existência do Estado de Israel. O envolvimento europeu na força de interposição no Sul do Líbano torna ainda mais verosímil o cenário de intensificação e, quiçá, alargamento dos confrontos militares.

### **O DESAFIO DO ISLAMISMO GLOBAL**

Cinco anos após o ataque da Al-Qaida aos EUA não nos é mais permitido pensar que todos estes elementos são ocorrências separadas. Existe claramente uma ofensiva do que se pode chamar Islamismo Global sobre a ordem internacional dita liberal e que comumente é designada por ocidental: designação superficial pois, na verdade, a ordem dos estados nacionais é partilhada por todo o mundo... mesmo pelas chamadas potências emergentes como a China. É a ordem da estabilidade e essa estabilidade, abalada pelas alterações de poder trazidas pela derrocada do sistema comunista é agora desafiada por um novo movimento de vocação global. A associação da religião ao vocativo História islâmico torna por momentos plausíveis fantasmas milenaristas e os medos escatológicos que geralmente se associam. Mas o que perdura e interessa à ordem internacional e ao sistema de estados que a garante é o domínio da História. E assim, a querer defender o modo como vivemos é imperativo pensar política e friamente como lidar esta rodada de religião ao serviço do poder de conquista. A frieza de análise não tem porém sido a característica que mais tem prevalecido no debate público sobre a natureza da «ameaça islâmica». Na verdade, os ataques do 11 de Setembro causaram – ou revela-

ram – uma enorme confusão, que se dividiu em interpretações do real persistentemente opostas. Para uns, os ataques foram mais uma manifestação de um «choque de civilizações» milenar entre o Islão e a Cristandade, uma reacção violenta por parte de uma civilização que lida mal com um declínio centenário e que encara com frustração e zanga o que reputa de inversão tanto da lei divina como da lei natural.

Segundo outra corrente de opinião, muito difundida entre jornalistas, escritores, académicos e diplomatas, tratou-se de uma resposta – disfuncional é certo mas, de algum modo, explicável – a uma política externa americana arrogante e egoísta, um ataque por um grupo extremista e não representativo, cuja violenta interpretação do Islão tem muito pouco a ver com o espírito e os ensinamentos desta religião cujo nome próprio é, propriamente, paz.

Em *Islamic Imperialism: A History*, Ephraim Karsh propõe uma outra abordagem. Professor de Estudos Mediterrânicos no King's College, e com larga obra publicada, este historiador especializado em temas do Islão e Médio Oriente argumenta que tais pontos de vista passam ao lado da realidade e que os ataques do 11 de Setembro, e a ideologia que os guiou, advêm de uma corrente subterrânea que caracteriza a cultura política do Islão desde a fundação. O Islão é um rival do sistema ocidental, actualmente em combate pela definição da futura organização do mundo. E este é um livro de combate político: serve o propósito salutar de restaurar os registos históricos e descrever com precisão a verdadeira natureza do Islão.

A larga prevalência de ideias erróneas nesta matéria precisa de ser atalhada, sob pena de a natureza da principal ameaça que confronta actualmente o Ocidente permanecer mal compreendida. Karsh assume o seu partido e o seu empenho político mas também respeita o adversário, o Islão e a sua história. Recorrendo a fontes islâmicas e ocidentais, rigoroso nos factos, nas fontes e na bibliografia, Karsh tem também um estilo leve e preciso que convém a este livro de largo escopo em poucas páginas: isto é, acelerado mas manejável, de leitura fácil e pejado de citações oportunas de livros de épocas e espécies originais.

Esta genealogia do imperialismo islâmico desde o nascimento até à actualidade é, porém, precedida por um aviso quanto a uma série de complexos, difusos, que marcam a atitude das elites intelectuais ocidentais relativamente ao imperialismo islâmico. Pegando na famosa fórmula de A. Toynbee sobre o Ocidente ser o «arquiagressor dos tempos modernos», Karsh ataca o «dogma da culpa do Ocidente» de que resultou e resulta uma politização extremada da academia, sobretudo na área entretanto baptizada de *Estudos Pós-Coloniais*, hoje em dia elevada a disciplina messiânica da derrocada do Ocidente. Ao censurar o «imperialismo» ocidental como a fonte de todo o mal e absolver os actores locais de qualquer culpa ou responsabilidade pelos seus próprios problemas, esta «abordagem farisaica» é academicamente pouco séria e moralmente repreensível: à uma, os factos contam uma versão completamente diferente da História islâmica e médio-oriental, que vem sendo consistentemente suprimida em virtude da sua

incongruência com os pressupostos do politicamente correcto. E ainda releva de um total paternalismo: ignora completamente os actores regionais e projecta sobre eles um halo de minoridade e incompetência, sonogando aos indivíduos e às sociedades a responsabilidade pelas respectivas acções e omissões.

## **AS ORIGENS DO RESENTIMENTO MUÇULMANO**

Segundo Karsh as ideias erróneas sobre o Médio Oriente de há muito transcendem a questão esquerda/direita. A perspectiva da resposta vingativa a uma excessiva projecção do poder ocidental, vulgo designada por imperialismo, constitui infelizmente um lugar-comum desde o início do século XX. Deste ponto de vista, os muçulmanos, seja no Médio Oriente seja onde for, são meros objectos – as pobres e sofredoras vítimas dos abusos de poder de outrem. Desprovidos de uma dinâmica interna própria, autónoma, a sua história não é mais que uma função da sua infeliz interacção com o Ocidente. Para uns este drama data das cruzadas. Para outros é simples corolário da rápida subida de poder imperial e do expansionismo ocidental no século XIX. As divergências sobre a data em que começou, fundem-se em consenso certificador de que o imperialismo ocidental é o principal responsável pelo mal-estar endémico que até hoje se abate sobre o Médio Oriente.

Com *Islamic Imperialism: A History*, Ephraim Karsh pretende desafiar esta mega-narrativa mostrando que a história islâmica foi tudo menos reactiva. Do primeiro império árabe islâmico de meados do século VII da era comum aos otomanos,

o último grande império muçulmano, a história do Islão foi a gesta da ascensão de uma extraordinária agressividade imperial e, não menos importante, de persistentes sonhos imperialistas. Apesar de tais sonhos imperialistas terem, repetidamente, frustrado as mais diversas possibilidades de desenvolvimento social e político pacífico do mundo árabe muçulmano, continuam consistentemente a gerar fantasias igualmente repetidas de vingança e restauração, bem assim como esforços assassinos para transformar tais fantasias em factos. Essas fantasias adquiriram especial dinâmica nas últimas fases do Império Otomano, culminando com a decisão de entrar na I Guerra Mundial desastrosamente no lado derrotado e com a subsequente recriação de um sonho imperial que iria sobreviver à era otomana e assombrar as políticas do Médio Oriente. Aqui Karsh demonstra – na verdade retomando o argumento que tão brilhantemente documenta no seu livro anterior *Empires of the Sand: The Struggle for Mastery in the Middle East – 1789-1923* (Cambridge: Harvard University Press, 1999) – como as potências ocidentais não pretendiam desmantelar o Império Otomano e quanto fizeram para lhe sustentar e prolongar a vida, fosse pela necessidade de contrabalançar a Rússia, fosse para evitar o desmoronamento do Império Austro-Húngaro. E uma vez que o Império Otomano se desagregou, as potências ocidentais, sob liderança britânica, acabaram por ver a sua acção muito mais determinada pelas exigências árabes do que por qualquer sinistra «conspiração imperialista». Enquanto a versão aceite é que Hussein, o xerife de

Meca e os seus filhos, foram meros instrumentos do imperialismo britânico, Karsh mostra e ilustra como se serviram do poder britânico para conseguirem as coroas da Síria, do Iraque, da Jordânia.

A construção geoestratégica que se destaca da leitura é sem dúvida um dos principais atractivos do livro. Desde os primórdios do império árabe até ao actual impasse sobre o programa nuclear iraniano, Karsh desenha um quadro marcado pela sobreposição do motivo imperial ao motivo religioso. Pegando nos casos de Saladino, Nasser e Arafat, ficamos a saber que Saladino passou mais tempo a lutar contra rivais muçulmanos do que contra os infieis cruzados, e que enquanto com a mão direita empunhava a espada e liquidava o Reino Latino de Jerusalém, com a esquerda aliava-se intimamente ao imperador de Bizâncio, principal representante do infidelíssimo universalismo cristão. Leia-se: mais que libertar a Terra Santa o objectivo do lendário herói era construir o seu império à custa dos rivais muçulmanos. Quando chegou a sua vez, Nasser não se ocupou dos problemas dos egípcios, dedicando-se com grande zelo aos jogos de poder regionais, arrastando o Egipto para três guerras desastrosas, duas com Israel e uma com o Iémen. Na oportunidade dos Acordos de Oslo, Arafat não procurou converter qualquer benefício em prol da situação real dos palestinianos, dedicando-se sim a armar guerrilheiros para reconstituir a plenitude imperial de uma Palestina do Jordão ao Mediterrâneo.

É assim também possível sustentar que o ódio aos Estados Unidos da América que hoje grassa no mundo muçulmano, mais do que produto de certas e determinadas

políticas seguidas num dado momento, se deve essencialmente ao facto de a mera existência dos EUA como poder mundial proeminente, bloquear a realização final do sonho milenar do império islâmico universal ou *umma*. Na imaginação histórica de muitos árabes, Osama bin Laden representa nada mais nada menos que a actual encarnação do Saladino vencedor dos cruzados e conquistador de Jerusalém. Neste sentido, a guerra da Terra do Islão pelo domínio do Mundo é uma busca

tradicional, mesmo venerável, que está longe de ser dada por concluída.

*Islamic Imperialism* é uma contribuição interessante para compreender a crise actual, profundamente distorcida pela propaganda árabe e pelas distorções ideológicas ocidentais que consagram a existência de Israel e aspirações nacionais palestinianas como causa central de disfunções cujas raízes de facto datam de muitos séculos antes da criação do Estado de Israel. A História é uma arma. [Rê](#)